



CASA NOBRE DE GAND EM 1500.

ANTIGA capital de toda a Flandes, a cidade de Gand hoje sómente é cabeça da provincia denominada Flandes Oriental no moderno reino da Belgica: é séde de arcebispado, e está situada na junção do Escalda com o Liz, que com outros dois confluentes illham toda a povoação, repartindo-a em vinte e seis porções cercadas d'agua, que se communicam por tresentas pontes de madeira lançadas sobre os canaes. Tem cidadella mandada edificar por Carlos V; uma excellente cathedral, onde ha um pulpito de marmore branco de primoroso lavor; treze praças publicas, sendo as principaes mui espaçosas; caes magnificos; e em razão d'estas obras e da belleza de grande quantidade de seus edificios conta-se entre as mais formosas dos Paizes Baixos, passando pela maior de todas relativamente á superficie que occupa; porém não corresponde a tamanha extensão o numero dos habitantes, que se avalia em pouco mais de 80:000. Já em tempo do imperador Carlos V, que nasceu n'ella, era vasta e populosa, e dizia-se que tomava mais campo que a cõrte de França n'esta epocha. A cidadella é das melhores da Europa; e são tambem notaveis a casa da camara, o paço da universidade, e a casa de correcção com capacidade para mais de 700 presos occupados em trabalhos uteis ás manufacturas. De outros estabelecimentos importantes mencionaremos só a academia de Bellas Artes. A sua situação é muito adequada ao commercio; exporta principalmente rendas que sempre foram assaz estimadas, e tecidos de toda a casta, havendo nas suas immedições, n'um raio de quatro leguas proximamente, algumas peque-

nas cidades industriaes, entre outras Lokeren, de 16:000 almas, cheia de fabricas de estofos d'algodão.

Gand alcançou grandes privilegios e especiaes isenções dos condes soberanos de Flandes e seus successores, regendo-se por magistrados proprios. A paz famosa, denominada de Gand, teve logar em 1567. Luiz XIV de França a tomou em 1678, porém restituiu-a á Hespanha pelo tractado de Nimegue. O duque de Marlborough a occupou em 1706 e 1708, e os francezes em 1745 e em 1792. Foi incorporada na França em 1792; pouco depois caiu em poder das tropas colligadas, mas os francezes de novo se asseinhorearam d'ella no anno seguinte, 1793. Seria longo seguir a historia moderna da cidade nas vicissitudes das campanhas pela independencia europea e das guerras intestinas até a separação definitiva do reino da Belgica.

Damos em estampa o exterior de uma casa nobre pertencente a um magistrado opulento da cidade no seculo XV para o XVI, e não faremos observações sobre o estylo da architectura, porque um nosso distincto collaborador se propõe tractar dos caracteres capitaes da arte da idade media.

ARTE ANTIGA.

AS BELLAS cathedraes, e os sumptuosos mosteiros, que a piedade, abraçada com as intimas crengas dos seculos guerreiros, levantava para monumento das victorias, ou recordação do martyrio, o que eram se-

não canticos escriptos nos labores da pedra pela mesma mão que pouco antes brandia a espada ou enristava a lança? Filha do sentimento e do enthusiasmo, partindo do coração, e inspirada por elle, a arte religiosa da meia idade, sem desprezar os conselhos da razão eleva-se, e eleva a alma pela magestade e devoção das suas manifestações. Soldado ou monge, quem quer que desbastava esses *robles* de mármore, que os sujeitava ás caprichosas phantasias da verdadeira poesia, tinha no peito um coração capaz de chorar, de sentir, e de crer. Todas as obras d'esse tempo de fé viva o relevam. Ainda mais; todas ellas traduzem o pensamento christão, ardente e forte, nos membros gigantes da cathedral, que vestem ornatos, e embellezam figuras. O symbolo reina em todo o esplendor. Não ha acaso, não ha indifferença na escolha, harmonia, e proporções do edificio. Tudo está sujeito a regras; tudo explica o mysterio, que só podem solettrar os olhos dos iniciados. São paginas do mesmo livro, que se não interpolam sem truncar a leitura e destruir a unidade.

N'este artigo damos noticia de alguns pontos mais importantes da *symbolica*, que as conjecturas e indagações dos estudiosos conseguiram decifrar; em outros subseqüentes tractaremos da formação das sociedades de « Artistas livres », e dos signaes de que se serviam, dos quaes muitos se encontram gravados nas pedras das igrejas portuguezas. São pontos dignos de ser examinados com cuidado, e proprios para esclarecer a historia das artes entre nós. O que vai seguir é resumido dos largos tractados escriptos por diversos auctores alemães e francezes.

Ha quem pergunte ainda hoje se os templos da meia idade nasceram unicamente da rigorosa formula geometrica, ou se encerram na caprichosa belleza o segredo de symbolos, em parte esquecidos. A resposta affirmativa parece sustentada nas possiveis provas. De certo os architectos d'aquella epocha levaram horas inteiras a solettrar pela descripção biblica a mysteriosa harmonia do templo de Salomão. Adivinhar a significação religiosa d'aquella sublime epopeia, em que se resumiu a lei antiga, foi o objecto de longas vigílias para os sabios do tempo. Um escriptor do seculo VIII, Beda, na sua obra « *De Templo Salomonis* » em diversas passagens se occupa dos segredos mysticos d'elle, e aventura opiniões não pouco arrojadas. D'ahi nasceu talvez o sentido figurado que se dá á composiçãõ das cathedraes dos seculos XII e XIII. « A porta do templo do Senhor, dizia Beda, significa, que ninguem chegará ao seio do Padre senão por aquella entrada. Eu sou o caminho, escreveu elle. » A significação symbolica do portal podia que se lhe gravasse a historia de Jesus Christo referida ás prophcias do Testamento antigo. Nas outras partes guardava-se a mesma regra, como se vai vêr.

Exterior. Os portaes.

Nos monumentos da meia idade o que logo dá nos olhos sobre tudo é o portal e a fachada do occidente. Astres portas d'entrada, e no meio d'ellas o portal do centro, symbolos da nossa recepção na vida physica e espirital, são traduzidos de modo simples e claro nas series de figuras entrelaçadas nas voltas do remate dos portaes, que de ordinario nunca excedem a tres. Na primeira volta exterior está a historia da criação do mundo e do Testamento antigo; na volta central lavravam-se *passos* tirados do Evangelho e da Paixão; a terceira, a mais cavada de todas, continha quasi sempre allusões á vida futura, expressas em scenas do Apocalypse. Por baixo e ao lado das tres arcadas collocavam as estatuas, gigantes na altura,

dos patriarchas, prophetas, e evangelistas, rodeadas de um sem numero d'anjos, uns com harpas, lyras, e trompas; outros incensando com thuribulos, como para celebrar as maravilhas de Deus.

Da arcada principal crescia magestoso o tympano ou frontão agudo, symbolo da Trindade; no vertice Deus Padre assentado em throno excelso, mandando á terra o Espirito Sancto com seu Filho predilecto. Em outros era Jesus coroando a Virgem rainha dos ceus. Acima do frontão da porta rasgava-se o oculo ou espelho da igreja, de labores arrendados, ornado de ricas vidraças córadas. A figura circular, sem principio nem fim, d'esta janella immensa era a imagem da providencia divina, de si mesma infinita, e da luz, alma e calor de toda a criação. Nos oculos dos seculos XII e XIII as pinturas das vidraças representam o sol, a lua, as estrellas, e tudo o que se refere aos effeitos admiraveis da luz. Na cathedral d'Amiens o *espelho* principal representa a terra e o ar, o do septentrião representa as aguas, e o do meio dia representa o fogo, compondo junctos o quadro dos quatro elementos. As portas lateraes ao lado do portal, e nas igrejas do seculo XII as que se abrem de uma e outra parte do choro, viradas ao levante, significavam a entrada para a communhão christã, assim como as que se rasgavam para norte e sul, e as collateraes ao meio dia e septentrião indicavam a conversão dos povos da terra, habitantes de todos os reinos e climas.

Torres e campanarios.

De ambos os lados da porta da cathedral subiam ao céu duas torres descommunes. A da esquerda era o symbolo da jerarchia ecclesiastica; a da direita significava o estado civil e temporal. A união dos dois poderes nos monumentos do culto era natural nos seculos em que o sacerdote, como padre, ajoelhava á hostia nos altares, e ao mesmo tempo enlaçava o elmo de soldado, e exercia os direitos de senhor. O que ha de notavel consiste, nas igrejas aonde estão acabadas as duas torres, em a da esquerda ser mais elevada que a outra; e nas cathedraes em que só uma se completou, em quasi sempre a da esquerda se erger severa e magestosa, em Strasburgo, Anvers, Toledo e Bordéus.

Apenas nas igrejas metropolitanas, nas collegiadas, nas parochias, e raras vezes nas conventuaes se notam as duas torres subindo iguaes em altura. Em geral dividiam-n'as em quatro andares. O primeiro, partindo da base, representava symbolicamente o cura, grãu primordio da jerarchia ecclesiastica. O segundo representava o deão. O terceiro era o bispo, e o quarto referia-se ao arcebispo; quando havia cinco o quinto marcava o primaz. O coruchéu indicava o symbolo da auctoridade papal. Na jerarchia civil o primeiro andar representa o *maire*, ou o official do municipio. O segundo é o conde. O terceiro o duque. O quarto o rei, e o coruchéu o imperador.

Apesar de não merecerem excessiva fé taes conjecturas, pelo menos aventuradas, convém entretanto advertir que a uniformidade de todas as torres de cathedraes, e o numero sempre certo e igual dos andares provam que n'esta construcção havia uma intenção que se ligava a fins e ideias regulares e universaes. (Continúa.)

OS DERKAUIS, SEITA ARGELINA.

ENTRE os marabutos da Argelia ha uma seita ligada por vinculos d'associação analogos aos da francmaçonaria, e os seus membros appellidam-se der-

kauis. O seu proposito é lutar contra todo o poder temporal, que, segundo elles, só se serve da força para opprimir a gente musulmana, e destruir os seus primitivos costumes, privando-os de se governarem conforme os preceitos do alcorão. — Os derkauis são de todas as tribus, e reconhecem-se mutuamente por meio de signaes em geral e de outros particulares. Não cortam os cabellos; só vestem farrapos, e nenhum arabe rico se apresenta em suas assembléas com albornoz novo sem o esburacar e fazer em frangalhos. Os mais fanaticos vestem-se de esteiras, de pedaços de tapetes, e de trapos de barracas velhas. Porém, como por necessidade muitos dos arabes não teem outros trajos, os derkauis reconhecem-se de mais a mais pelas inflexões da voz, e por aspirações que cortam as palavras com um rythmo como em cadencia musica: completam o reconhecimento levando a mão direita ao coração, e pronunciando, com certo accentó d'inspirados, o nome de *Allah* (Deus). D'elles uns são pobrissimos, e vivem á guisa de eremitas e mendicantes, outros são ricos, e pertencem ás casas principaes de suas terras. A despeito do mysterio que esconde os seus regulamentos, alcançou-se conhecimento do modo da admissão dos neophytos, e da eleição dos cabeças da ordem. — Quem quer ser derkauí embrulha-se em andrajos, e vai descalço aonde se congregam os membros da seita. Se obtem a permissão de assistir a um ajuntamento, reza certas orações, passa pelas provas que são do estylo, e os mestres proclamam a affiliação.

A eleição dos directores e cabeças principaes é por concurso, e hão de ser escolhidos da cathogoria dos *talébs* (doutores). Aquelle que nas discussões religiosas e politicas alcançou por vezes o maior numero de suffragios, o que tem divulgado a melhor obra religiosa ou especialmente relativa á seita, offerece se candidato ao logar vago de maioral: a uma commissão dos superiores, que o devem admittir no seu gremio ou rejeitar, é encarregado o inquerito do proceder e acções do pretendente, e sobre o relatório d'esta ha de votar a assembléa geral convocada. Os partidarios do candidato ordenam-se juncto d'elle, e se formam maioria fica eleito. Os maiores nomeiam d'entre si o mestre supremo, que deve presidir ás assembléas, e que as convoca ou dissolve com assentimento da maioria.

Os derkauis ajuntam-se nas montanhas mais afastadas do povoado: a serra de Uenseris é o centro da sociedade. Alli discutem as suas questões theologicas, e pelas prégações chamam os fieis da sua seita á rigorosa observancia das leis do propheta, e de mistura com a integridade do alcorão pregam tambem a independencia da nacionalidade arabe.

Quando os derkauis se reúnem, vivem em communidade, alimentando-se de umas papas de farinha de cevada, que trazem dentro de folles de pelle de cabra curtidos. Se lhes falta o provimento, expedem alguns do ajuntamento, que vão de aduar em aduar socorrer-se á caridade dos arabes, e que trazem, como os frades da saccola, a colheita do peditorio.

Esta seita é numerosa; mas não é possível cifrar a quantidade dos proselytos; ramifica-se extensamente entre as tribus independentes, sobre tudo nos kabyllas e nos de Tafna; e são inimigos acerrimos dos francezes; quasi toda a familia de Ab-el-Kader lhe pertence.

HISTORIA DOS TELEGRAPHOS.

(Continuado de pag. 61.)

O TELEGRAPHO de Chappe, ainda bem não estava divulgado, apenas se apreciaram os seus immensos re-

sultados, foi por toda a parte adoptado; estudaram-n'o depois para o aperfeigoarem; porém: ainda ha que fazer muitos melhoramentos: com effeito, a noite, os nevoeiros, a chuva, interrompem as noticias. Tentou-se remediar, mas sem exito, estes inconvenientes, adaptando lanternas ás diversas peças que constituem o telegrapho. — Este modo de transmissão já é muito lento; o espirito humano caminha tão veloz que a rapidez telegraphica actual já não satisfaz. A instantaneidade, apesar das distancias, é só quem pode sacia-lo; e para corresponder a esta ardente actividade, os physicos ensaiaram ha alguns annos o emprego da electricidade para obter certos signaes.

Em 1747 alguns sabios inglezes, entre os quaes se cita Cavendish, quizeram servir-se da electricidade para estabelecer communicações telegraphicas; com o auxilio de descargas de baterias electricas obtiveram communicar-se na distancia de duas milhas. Em 1790, Reveroni S.^o Cyr propoz um telegrapho electrico para annunciar o resultado da extracção da loteria, afim de prevenir as trapagarias de alguns individuos especuladores; d'ahi a seis annos o doutor Francisco Salva leu na Academia de Barcelona uma memoria sobre a applicação da electricidade á telegraphia; porém todos estes primeiros esforços ficaram infructuosos. Recentemente a creação dos caminhos de ferro é que ministrou meios de estabelecer as linhas telegraphicas electricas.

Lê-se no *Morning Post* (1839) o seguinte: — «Ha dois mezes o telegrapho electro-magnetico do caminho de ferro *Grand-Occidental* está continuamente em exercicio cada vez que os trens fazem o transitio entre Droyton, Hewell, e Paddington. Estando acabada a linha o telegrapho servirá desde Paddington até Bristol: por elle se transmittirá qualquer noticia a Bristol e se receberá a resposta dentro de vinte minutos. Os negociantes poderão aproveitar-se das vantagens d'este modo expedito de communicação, devido á sciencia dos inventores, MM. Cook e Westsonne. Dois rapazes surdos-mudos são os encarregados da transmissão dos signaes, tendo sido exercitados algum tempo ha n'este trabalho. Mr. Cook inventou um mecanismo muito simples que indica ao rapaz, incapaz de ouvir o som da campainha em razão da surdez, que ha de transmittir pelo telegrapho tal ou tal noticia. Nunca se amolgam ou quebram os fios que servem para a transmissão. Parece que seria muito difficil acertar exactamente com o logar onde aconteceria a ruptura n'uma extensão de 117 milhas, estando os fios todos encerrados n'um tubo da capacidade de uma pollegada de diametro: todavia Mr. Cook achou meio de verificar precisamente o ponto em que possa ter logar a solução de continuidade: a sua machina está encerrada n'uma peça de madeira compacta de oito pollegadas quadradas.»

Em Munich ensaiou-se um telegrapho electrico para communicações no interior da cidade. Posto que seja de recentissima data este grande melhoramento da arte telegraphica, contudo já se tem experimentado em grande escala, e quando chegar á sua perfeição dará pasmosos resultados.

O telegrapho tem estado communmente ao serviço dos governos; contudo a sciencia e o commercio ganham muito tendo-o especialmente á sua disposição. Em 1837 o governo succo estabeleceu uma linha telegraphica de Stockolmo a Fornsund, e foram autorisados os particulares a se aproveitarem d'ella para as suas especiaes participações, mediante o pagamento de uma quantia por cada aviso.

Em a *Revista Economica*, impressa em Lisboa no corrente anno (17 d'abril) lê se o seguinte. — «O telegrapho electrico, que deve estabelecer-se em toda a

linha entre Francfort e Castel, está prompto até Hattersheim. Diz-se que o governo tenciona permitir o uso do telegrapho á praça dos negociantes para obter promptamente, no interesse do commercio, communicações e noticias mercantis de Moguncia.»

Esta e uma das consequencias mais directas da telegraphia, quer optica, quer electrica. Annullar a distancia por meio do pensamento, como os caminhos de ferro e o vapor a abbreveiam quanto aos corpos; approximar mais estreitamente os individuos e as nações; preparar a unidade da confederação europea, dando-lhe os necessarios meios de communicação; taes são os resultados da invenção do telegrapho, dos seus desenvolvimentos, e das suas indispensaveis applicações. Voltaremos a este assumpto assim que tivermos colligido os ultimos factos mais interessantes.

M
A ILHA CELEBES (*) — ACASSAR.

O SEGUINTE fragmento foi extrahido do memorial diario de Mr. Desgraz, secretario do almirante d'Urville, na viagem á roda do mundo, effectuada nas corvetas *L' Astrolab* e *La Zélée* por este illustre official marinheiro, que com sua mulher e filho pereceu victima do desastre no caminho de ferro de Paris a Versailles, em 8 de maio de 1842. — Descreve-se a arribada das corvetas á enseada de Macassar na grande ilha Celebes.

Aos 20 de maio de 1839 entrámos o estreito de Salayer. Por esta parte é mui jucundo o aspecto das praias da Celebes; descobre-se um terreno chão, e pouco variado no primeiro plano, e pela terra dentro altas sérras involtas em sombras azuladas, fingidas pela distancia e pela transparencia da atmosphera. A' beiramar as aldeias malaias, os estabelecimentos protegidos pela bandeira hollandeza, a cidade de Bonthain, que faz lembrar o máu acolhimento feito ao capitão Wallis, ora se mostram, ora se escondem á medida que o navio passa singrando ávante.

Vista da enseada a cidade de Macassar apresenta uma longa fileira de construcções diversas, que se desenvolvem na extensão approximativa de duas milhas, porém com pouca largura: tem seu assento nas bordas de uma vasta e bella planicie, que assim fica occulta a quem a observa do mar: á direita do espectador, isto é ao norte, as paredes brancas das casas hollandezas estão sobranceiras a uma linha de habitações miseraveis, terreas, e feitas de bambús delgados, juncto á praia. Em frente do molhe dilata-se uma veiga vecejante, e o forte Rotterdam ostenta as suas muralhas elevadas, pardas e massigas, guarnecidas de canhoneiras: mais para a direita descortinam-se varias obras de alvenaria, que parecem pertencentes a um bairro europeu; e no composto do painel a vegetação lustrosa estrencia com a casaria a ramagem virente, e embelleza a ribeira serena e aprasiavel, juncto á qual apenas se enruga a superficie do mar. É uma scena toda de sosiego: a povoação parece que dorme; a chegada de algum navio não attrahe multidões á margem da enseada, tão sómente se aggegam alguns ranchos para examinar a manobra do adventicio colhendo as velas.

A tropa permanente em diversos pontos da Celebes segura á Hollanda a preponderancia soberana

(*) Esta grande ilha demora entre a de Borneo e o archipelago das Molucas na Oceania ou quinta parte do mundo. Os nossos navegadores a descobriram com outras dos mares pelos annos de 1512: ahi fundamos feitoria perto da cidade principal Macassar, mas os hollandezes nos expelliram na epocha da nossa decadencia maritima, resultado da usurpação dos Philippes.

n'um territorio vasto que não póde occupar nem desfructar inteiramente, e ao mesmo tempo refreia as depredações dos indigenas, que metade são pescadores, e a outra metade piratas afamados n'aquellas paragens por audazes accommetimentos contra os vasos de commercio europeus. Os bouguís, que habitam o littoral, teem a reputação de melhores marinheiros entre todos os malaios; aventuram-se a sair muito ao alto em seus parás, ou para pescar, ou para basculhar os mares, e frequentemente as suas viagens levam por fim esta dobrada especulação: se ao pescar encontram um navio de pouca força, ou em calmaria ou pouco veleiro, dão-lhe abordagem, e de ordinario degollam a gente para não haver noticia do attentado.

O bairro europeu, *Haardigen*, tem a fórma de um parallelogramo, e é fechado por um muro alto, onde se abrem largas portas guardadas por destacamentos da milicia; consta de seis ou sete ruas principaes, que se cortam em angulos rectos, bordadas por ambos os lados de grandes e bellas casas de pedra e cal, branquejando e luzindo com aquelle admiravel aceio que se encontra em todas as cidades hollandezas: segundo a practica geral das colónias das Indias, não passam de um andar as casas, mas as frentes são para notar com seus peristylos ornados de columnas boudadas, produzindo agradavel effeito: circula o ar fresco em grandes repartimentos, resguardados do calor do dia, porém abertos á mais leve viração: á tardinha o peristylo é de preferencia o logar das companhias, e guarnece-se de cadeiras e de mesas, em que abundam bebidas mais estimulantes do que para refrescar. Comtudo, a parte mais formosa d'este bairro transpõe a barreira dos muros: ha n'ella a morada do governador, o hospital, e o *eudracht* ou casa da sociedade da harmonia, especie de assembléa permanente, que se acha em todos os estabelecimentos hollandezes, um como *casino*, logar obrigatorio de reunião, que constitue o nucleo da boa sociedade da terra, e que se abre com affabilidade e cortezia aos raros estrangeiros que visitam aquelles territorios.

Visto o pagode china, meia hora é bastante para correr o bairro de *Haardigen*, povoado por hollandezes e chinas; estes ultimos, preciosos pela industria, fazem tudo, mercadejam em tudo, seguem apoz a mais pequena probabilidade de lucro por toda a parte; são de real utilidade nos estabelecimentos coloniaes, e formam a maioria dos habitantes do bairro, que chegarão a oito mil almas. As moradas dos naturaes, arrimadas á prala, levantadas sobre estacaria, e ás vezes nos caes, estão um tanto espalhadas por todas as bandas, mas acham-se especialmente amontoadas diante da cidade hollandeza, e em relação a si mesmas e á ribeira estão dispostas gradualmente, formando um verdadeiro bazar atulhado de vendas e de mercadores, com uma porta que, fechada á noite, interrompe a communicação exterior. Casas de indigenas tambem se alargam para o norte em meio da espessura de arvoredos frondosos, producção caracteristica da vegetação intertropical.

A maior parte do trafico de Macassar está concentrada na comprida rua mercantil que chamamos bazar, onde chinas, malaios e europeus teem suas lojas ou armazens. O maior numero compõe-se dos que vendem armas, como crizes, lanças, facas de feitios differentes, e arreios para cavallos, &c. — A cada passo se topa com um d'estes homens, gravemente assentado juncto á grade de canas onde alardeia a sua fazenda á espera do freguez, nunca falhando em pedir o dobro do valor do objecto que lhe apreçam. Macassar tem grande fama de fabricar os punhaes chamados crizes e os ferros de lanças: os primeiros

são de dois feitios, a-saber, rectos ou com uma leve inflexão, ou colubrinos; estes são mais procurados na Java, e aquelles os preferidos na Celebes. A folha d'estas armas é forjada de modo que descobre o numero de chapas de ferro de que se compoem, e segundo a quantidade d'estas e o trabalho que demandam é mais ou menos subido o custo: os cabos e bainhas tambem influem no valor; punhos de marfim lavrados ou dourados, e bainhas ou estojos de pãu, amarello ou vermelho, bem polido, dobram ás vezes o preço a ponto de chegarem a 24\$000 reis. Os punhos são recurvados, de modelo uniforme, pouco adherentes ao ferro; servem para encostar a palma da mão, e o index e o pollegar de um e outro lado dirigem o golpe. — O ferro das lanças não excede seis a dez pollegadas, é chato e de dois gumes: seu preço tambem differe na razão do esmero no fabrico, porém sobre tudo na proporção da riqueza do cabo, que é de cobre ou de prata lavrada, e ha-os tambem de ouro: a haste é de lenho duro de certa palmeira, e no comprimento varia de nove a doze palmos; por elegancia teem uma cauda de cavallo (n'algumas tincta de encarnado) enrolada com artificio no conto da lança: os cavalleiros macassares trazem esta arma com a ponta para baixo, mettida n'um estojo de pãu preso ao estribo, a cauda fluctua então no ar e faz bonita vista.

A par d'estas armas vê-se grande quantidade de podões, de que os indigenas se servem para todos os trabalhos. Porém, não obstante a fama, os instrumentos de ferro de Macassar teem mui fraca tempera; as facas de mesa inferiores fazem sem custo bocas no corte mais vistoso. — A variedade de objectos patentes nas outras tendas é grande, mas o seu valor em geral minimo: ha tal que toda a sua fazenda são alguns roletes de cana d'assucar; muitas não teem a importancia de 100 francos (16\$000 réis); e comtudo todos estes vendeiros vivem bem, graças ao baixo preço dos generos, e á fartura de arroz e de peixe, bases do seu alimento. As lojas mais ricas são inquestionavelmente as dos chinas que emprestam sobre penhores; ali se acham os mais curiosos trastes e as armas melhor fabricadas: são numerosas, porque esta industria (se tal nome lhe cabe) é exercitada por todos os traficantes chinas, que absorvem d'esse modo os haveres dos malaios, propensos em geral á ociosidade: não sómente emprestam sobre moveis, mas tambem sobre toda a casta de fazendas, e até succede frequentemente comprarem de antecipação a parte dos ganhos dos pescadores e dos cultivadores de arroz.

(Continúa.)

O INDIOS DE SURINAM.

O INDIOS é por sua indole timorato, desconfiado e ardiloso. Obrigado desde a invasão dos europeus a pôr-se em cautela e a manter-se na defensiva contra os hospedes, que não cessavam de o inquietar hostilmente, e que ao isento indigena das selvas traziam ou escravidão ou morte, teve de oppôr a astucia á força, e algumas vezes a desesperação á violencia. Mas quando não é constrangido por circumstancias externas a sair do seu primitivo character, manifesta a sua brandura e boa fé; é na realidade o filho da natureza. Não póde negar-se que em razão da tyrannia dos seus oppressores perden um tanto da sua original singeleza: os europeus tiveram a culpa, habituando-o a novas e facticias precisões. Bastava-lhe em seus mattos o necessario, e a fartura do seu territorio o provia abundantemente; mas agora o superfluo d'então lhe é hoje indispensavel para trocar por objectos que

desconhecia, sem os quaes tinha passado, e que lhes ensinaram a apreciar para sua desgraça. Aos vicios das suas tribus os selvagens ajunctaram os das nações civilisadas. Estes dois elementos diversos de destruição moral concorreram tanto como a oppressão para bastardear a sua indole originaria, franca e generosa. D'este modo os indios, tão numerosos e formidaveis em outro tempo, desaparecerão gradualmente, acabando pela mistura completa com os colonos. Esta fusão será demorada, mas parece infallivel, porque é impellida pela natureza dos factos, isto é, porque pertence á industria, ao commercio, á civilisação. — Os indios ou raça dos caraibas, que habitam Surinam e seus contornos, são em geral bem feitos e proporcionados, sadios, robustos, sem deformidades corporaes, e a não ser por accidente extraordinario é raro encontrar algum corcovado ou côxo. A tez é morena tirando a côr de cobre; todavia saem brancos á nascença, mas a alvura desaparece em poucos dias, e ficam da côr natural da sua casta. Entre as diversas tribus nota-se geralmente grande conformidade de feições. A sua maneira de vestir é mui simples, ou, para melhor dizer, quasi nenhum vestuario trazem. Quando lhes fallam da nudez com apparencias de lh'a censurarem, dizem que vieram nus ao mundo, e que é loucura contrariar a vontade da natureza, e cobrir o que ella deixára patente. Faz isto lembrar a resposta de um maioral indio, prisioneiro dos hespanhoes, que o tinham vestido á europea; quando o general lhe fez as primeiras perguntas inquirendo-o sobre a sua jerarchia, disse-lhe: — "Tirame estes trajos para que eu me conheça."



As mulheres são de ordinario de mais baixa estatura do que os homens, mas de boa figura, sobre tu-

do as raparigas, que peccam talvez por corpo muito reforçado: teem semblante redondo, porém achatado, os dentes alvos por extremo, bocca pequena e olhos pretos; os cabellos são d'esta côr e caudalosos, e os levantam em fórma de trança, prendendo-os para traz com um broche: ás vezes os tosquam ao modo das chinas, e rentes na testada. Trazem nas orelhas pingentes de prata; atravessam o beigo inferior, ou a cartilagem do nariz com alfinetes ou argolas de metal, e cingem o pescoço de collares de vidrilhos ou de coral, junctando-lhes dentes de animaes, e as casadas os dos inimigos vencidos por seus maridos: nos braços, acima dos cotovelos, usam ás vezes faxas de algodão como braceletes. São galanteadoras, e gostam de que lhes chamem bonitas, mas pena é que para assim o parecerem pintem cara e corpo com tincta de urucú, collando em cima da untura vermelha farripas de algodão branco ou plumas de aves diversas. A maior parte só usam da tanga para se cobrirem, porém as de algumas tribus visinhas á colonia hollandesa e nas margens do Amazonas servem-se além d'isso de um pedaço de algodão tincto de genipapo, ajustado como se vê no desenho.

O FEITOR DE CANTÃO.

Novella.

(Continuado de pag. 73.)

VINDO a pensar pelo caminho no resultado provavel da tentativa de You-hi, chegou o feitor americano a sua casa, distincta pela bandeira estrellada que a protegia. Atravessou o primeiro corpo do edificio, e ia a entrar n'um pateo interior, no topo do qual estava o pavilhão em que morava, quando lhe fez erguer a cabeça um somido de voz sonora porém mal articulada, semelhante ao dos surdos mudos. No primeiro andar, por detraz d'um guarda-sol meio levantado, estava a sorrir para elle uma menina vestida como se fosse para um baile.

Effendon soltou uma exclamação d'espanto, acenou-lhe muito depressa para que se retirasse, olhou á roda de si aterrado, e subiu n'um pulo a escada.

A menina surda veio abrir-lhe a porta.

— «Maria, enlouqueceste? exclamou, fechando a porta por dentro. A janella n'este trajo! desgraçada filha! Queres a nossa perdição?»

Maria, sem perceber as palavras, percebeu o enfado de seu pai, porque se lhe lançou logo nos braços, tão arrependida, tão humilde, tão meiga, que o semblante do feitor asserenou de subito, mesmo sem elle querer.

Ainda acrescentou em tom de mais despeito do que na realidade sentia:

— «Tinha-t'o prohibido, Maria; porque me desobedeceste?»

A resposta da muda foram redobradas meiguices. Effendon quiz resistir mais um momento, mas cedendo por fim áquelle assalto de caricias, murmurou:

— «Coitada! esquecia-me que não tem outro divertimento.»

E apertou-a ao peito.

A pobre menina, vendo-se perdoada, soltou um grito de alegria; olhou depois para si cheia de complacencia, deu tres passos para traz, entesou-se, e ficou muito direita diante d'Effendon com a gravidade ingenua d'uma creança que quer que lhe admirem as galas. Estas eram com effeito singulares na riqueza e elegancia. O vestido, de crespão bran-

co guarnecido d'uma grinalda de jasmims de cheiro, posto que artificiaes, apertava-o na cintura um cordão de seda torcida com prata; uma especie de turbante de setim lavrado, enrolado nos cabellos, pendia de ambos os lados acompanhando o rosto; e finalmente tinha calçados uns borzequins franjados de perolas. A belleza de Maria enfeitava com este trajo esplendido. Effendon não poude reprimir uma demonstração de maravilha. Dissereis que era uma fada do Oriente em todo o seu fulgor.

Contemplou-a um momento fascinado por aquelle garbo deslumbrante: depois fazendo uma especie de esforço, trouxe-a pela mão para um sophá de bambus artificialmente entrançado, fê-la sentar, e travou um dialogo por signaes, quasi tão rapidos para quem está no habito de os fazer como a conversação fallada.

Lançou-lhe primeiramente em rosto a imprudencia de apparecer á janella assim vestida.

A surda e muda abaixou os olhos córando.

— «Ignoravas que não podem os estrangeiros trazer mulheres das suas terras? Se sabem que estás comigo expulsam-me e paga-o a companhia.»

Maria fez um signal de pavor.

— «Melhor fôra não te trazer comigo; mas não tive animo para me separar de minha filha, dos meus unicos amores. Fizeram-me acceitar a direcção d'esta feitoria para te deixar rica; quiz conciliar a affeição e o interesse, fiz-te passar por meu filho...»

— «E ainda até hoje ninguem desconfiou de meu disfarce, disse Maria interrompendo-o com a sua linguagem muda.

— «Porque nunca o largáras, replicou Effendon; porque te dei mais liberdade para arredar toda a suspeita; porque assim mesmo transfigurada conservaste o nome de Maria, que aliás me escapára mil vezes e nos trahira. Mas que será de nós se te virem em trajos mulheris? Muito mal fiz eu em te mandar buscar esses atavios! Manias de pai; quiz ver-te qual devias ser e qual serás um dia!... Mas estes vestidos só eu, a furto, os podia vêr em ti, Maria.»

— «Perdoai, meu pai, disse ella; serei mais acutelada d'aqui em diante; mas que temos que receiar em nossa casa?»

— «Não te lembras que estamos cercados d'espias; que não se move uma palha sem que o saibam os mandarins chinas?... Despe-te, Maria, despe-te immediatamente, se não queres que tenhamos algum desgosto.»

A menina surda fez signal de que ia vestir o fato de homem, abraçou o pai com ternura, e saiu.

O feitor ficou no mesmo lugar, com os braços cruzados, engolfado em tristes pensamentos.

Era mais que certo o que elle acabava de dizer á filha. A menor imprudencia podia revelar este segredo, e roubár-lhe infallivelmente a fortuna e o socego. Sabia por experiencia com que zelo e rigor executavam os chinas as leis contra os estrangeiros, quando o podiam fazer sem perigo; nem devia confiar, em tal caso, no apoio da companhia, que aos seus agentes mandava respeitar escrupulosamente as ordens do imperador, toda a vez que a não lesassem nos interesses.

Como dissera a Maria, vivia sempre entre sustos; estava dentro da sua propria casa á mercê do governo china; os creados que o serviam não os escolhia elle, designava-lh'os o comprador (*) a quem devia saldar todos os mezes a importancia dos roes dos comestiveis sem questionar sobre as parcelas. Não obs.

(*) Nomea-o o mandarim ou vice-rei de Cantão para prover de mantimentos os estrangeiros.

tante ter aprendido a lingua da terra, obrigavam-n'o a sustentar e pagar a um *lingua*. N'uma palavra estava em tudo sujeito a uma especie de tutela rapace, minuciosa e infatigavel, que o conservava em perpetua inquietação.

A campainha d'um relógio, dando quatro horas, veio arranca-lo do seu devanear. Recordando-se de que devia ir jantar com You-hi, mandou apromptar o seu palanquim, e poz-se a caminho para a casa de campo do *hanista*.

Esta casa, situada da outra banda do Tigre, ficava no meio d'um jardim, celebrado em Cantão pela sua vastidão e lindeza; porque apesar de You-hi não se follar com pessoa alguma no tracto do commercio, nem por isso era mesquinho. Lidava para saccar dinheiro por todos os modos aos *barbaros* estrangeiros, mas gastava-o com o luxo da familia, e em aformosar o seu retiro.

Effendon apeou-se do palanquim ao pé d'uma porta pequena, onde encontrou um creado china que lhe deu entrada no jardim.

Tinha o *hanista*, como dissemos, esgotado aqui todos os recursos da arte china. Ruasinhas areiadas, cruzando-se e voltando atraz de quando em quando; fileiras d'espessuras d'arvores com seus claros; canteiros irregulares; grutas artificiaes cavadas em rochedos alli enxertados; pontes envernizadas, por baixo das quaes não se enxergava nem um regato; kiosques ornados de vidros e de vasos cheios de agua, em que boiavam lirios, revelavam a cada passo o go.to extravagante e a predilecção dos chinas pelas raridades monstruosas e pueris. Viam-se áquem, accommodadas dentro de taças de pedra, mattas de carvalhos, faias, ou olmeiros, que fizera anões a cultura; além arvores verdes, arremedando no feitio aves e elephantes; e mais ao longe feras de porcelana com hervas a saírem-lhes das orelhas. No meio porém d'este desconcerto systematico, zombando do porfiado empenho da arte desassizada, alardeava a natureza, simples e variada, a sua opulencia; cresciam em toda a parte a oliveira de cheiro, a figueira, o aloes, a amoreira, a bananeira, e os frangimpaneiros recedentes. Moitas de *yu-lan* (1), engastadas em amarantinos vermelhos ou ketmias cambiantes, matizavam o verde das folhas, a gardenia, as roseiras da China, e os *chulan* (2) delineavam os mil torcicollos das veredas. Finalmentê, por um pomarzinho de laranjeiras, jamebeiros e figueiras, cercados de ananazes fragrantes, se entrava para casa de You-hi.

Esta, como todas as dos chins, não tinha senão um plano terreo para as visitas, e um primeiro andar exclusivamente reservado para as mulheres e filhos de You-hi, que a ninguem appareciam.

O *hanista* estava esperando os hospedes na primeira casa ou sala de visitas, que contém o altar domestico onde se queimam os perfumes. Ria-lhe o semblante.

— «Bem vindo seja mister Effendon á minha pobre choupana! disse elle assim que viu o feitor. Cheguei agora de casa do hou-pou, e espero que d'aqui em diante a companhia não terá razão de queixa.»

— «E isso custou-te muito caro, You-hi?» perguntou Effendon rindo.

— «Tão caro que, se eu fosse a lembrar-me, não me faria proveito o melhor jantar. N'outra occasião fallaremos.»

— «Pela minha alma! se o hou-pou visse a tua casa de verão pedia-te dobrado. Tens uma morada digna do soberano do imperio do meio (3).»

(1) Especie de magnolias.

(2) Arbusto cujas folhas misturam com as do chá.

(3) Nome que dão á China os seus naturaes.

— «Mister Effendon vê tudo com os olhos da indulgencia, respondeu You-hi, n'um tom de modestia vaidosa; ainda não pode fazer idéa da casa; se a quer vêr...»

Effendon respondeu que sim, e o *hanista* o levou a todos os quartos do pavimento baixo, explicando-lhe o seu destino.

Os moveis d'estes quartos eram só campés e mezas de pé de gallo; mas dos tectos pendiam lanternas de chavelho, gaze, ou papel, e ás paredes, envernizadas com primor, serviam de ornatos alguns quadros e sentenças moraes.

O feitor atravessou com bastante pressa as primeiras salas, mas deteve-se quando chegou á livraria.

— «Tu aqui não achas os trezentos mil volumes da bibliotheca imperial de Pekin, advertiu You-hi sorrindo-se; mas, além dos livros sagrados, tenho aqui um cento de manuscriptos em meia-lingua (1), e o dobro dos volumes impressos escolhidos das obras dos *quatro armazens* (2). O negocio, infelizmente, toma-me quasi o tempo todo. E ha tanta cousa para lêr! Nenhum povo tem escripto tanto como o nosso! nenhum povo póde gabar-se de ter, como nós, uma lingua sagrada, que é só para os livros e não se póde fallar, a qual contém oitenta mil caracteres, que, em vez de representarem sons ou palavras como os vossos, exprimem idéas! Mas vamo-nos chegando para a casa do jantar; deve estar prompto, e os convidados já hão de ter vindo.»

Effendon já lá os encontrou. Os mais d'elles eram lettrados amigos do *hanista*, que os foi fazendo sentar a umas mezas pequenas, cobertas de panno escarlate ricamente bordado, e postas em triangulo. Tinha cadaum diante de si um prato de prata, uma faca, duas varinhas curtas de marfim para comer, uma colher muito grossa de porcelana, e dois pires um cheio de *soya* (3), e outro contendo, á maneira de acipipe, peixe salgado, e couro do Japão curtido em salmoura.

Começaram os creados a trazer para a meza as viandas; serviram primeiro uma sopa de ninhos de salangana (4) em palanganas de porcelana; depois vieram fricassés de rãs, costeletas de cão, barbatanas de tubarão, as *holothurias* ou bichos do mar, grossos, negros, com seis pollegadas de comprimento, e armados d'um corno agudo em cada anel; e d'ahi os ovos, as carnes, as hortaliças, tudo temperado com oleo de ricino, e adubado com lagartas salgadas, e molho de bichos de conta. Quando os convidados queriam beber, os creados, que estavam de pé por detraz das cadeiras, lhes deitavam, conforme o gosto de cadaum, chá em chavenas de porcelana, ou *cam-chou* em taças de metal.

Tiraram depois os pratos, e trouxeram na segunda cobertura massas, saladas d'olhos de bambus, e garrafas com uma certa agua fedorenta.

Veio a final o dessér, composto de conservas e fructas deliciosas.

Os lettrados, que o jantar aquecêra, começaram a desafiar se para um d'estes certames poeticos em que o vencido é condemnado a beber o numero de taças de *cam-chou* marcado pelo seu adversario. Mandou You-hi buscar páus de tincta, o pincel, e papel, e saiu-se cadaum com o seu improviso.

O primeiro lettrado, que da janella via o campo illuminado pelo sol quasi no occaso, escreveu:

(1) Obras cujo estylo é um meio termo entre o dos livros e a linguagem que se falla.

(2) Collecção d'obras chinas em 180-000 volumes.

(3) Liquido tirado d'uma fava.

(4) *Hirundo esculenta* ou andorinha salangana.

«Os dias que passaram, carrancudos e chuvosos, avivam o lustre dos campos cultivados pelas mãos dos homens.

«Os passaros, semelhantes a rubis e amethystas, voam por entre as folhas do arvoredo.

«Algumas borboletas adejam ainda sobre as cristas dos pecegueiros sacudidos pelo vento.

«A relva parece esmaltada como um tapete bordado por mão habil.

«Banquete delicioso! risonho aspecto! suaves aromas!

«É doce o viver entre amigos, quando o céu resplandece como um docel de seda.»

Depois de lidos e applaudidos estes versos, mostrou os seus o segundo lettrado.

«Transplanta o lavrador o arroz ainda mui tenro para terreno de novo roteado.

«Vê em breve no campo viçoso e coberto d'agua a imagem d'um lindo céu azulado.

«O nosso coração é o campo; loução e rico quando as paixões são puras e regradas.

«O unico meio de chegar a este gráu de perfeição é não presumir muito de si.»

Estes versos pareceram ainda melhores que os primeiros, mas o terceiro lettrado, que, como Effendon soubera pelo jantar adiante, era viuvo de poucos dias, leu o improviso seguinte:

«O famoso Ou, n'um transporte de ciúme, mata a mulher: brutalidade.

«O illustre Sium quasi que morre de pena por lhe morrer a sua: asneira.

«O philosopho Tchouang diverte-se com a matizada dos picheis e das taças; abraça o partido da liberdade e passa vida folgada.

«É o meu mestre. Morreu-me minha mulher, peguemos no leque para lhe seccar muito depressa o jazigo.»

Foram recebidos estes versos com grandes gargalhadas e applausos; unanimemente se lhes adjudicou o premio, e cadaum dos outros dois lettrados foisentenceado a beber dez chavenas de vinho quente

Cumprida a sentença, You-hi, que queria tractar os seus convidados com toda a magnificencia china, levou-os a uma varanda que dava para o pateo principal, illuminado por lanternas de papel de côres. Logo, a um signal dado, rompeu um fogo de vistas em todo o pateo, figurando alternativamente arvores de chamma carregadas de fructos de todas as côres, canteiros esmaltados de flôres, e cobras mui compridas que saltavam até a cimalha da casa.

Acabado o fogo de vistas vieram pelotiqueiros de maravilhosa destreza, e por fim uns comediantes, que representaram uma das peças mais celebres do seu repertorio improvisado. Como porém lhes faltassem o espaço e as vistas, tinham o cuidado de anunciar cada mutação, dizendo:

— Agora o theatro representa um bosque, ou um palacio, ou um carcere (*).

Quando algum actor tinha de ir viajar, nem por isso saía da scena. Montava a cavallo n'uma bengala, dava tres voltas á roda do theatro, parava, e dizia: — Cheguei ao termo da miuba jornada. — E continuava a representar como se na verdade tivesse feito a tal jornada.

Effendon gostava d'esta qualidade de espectaculos,

(*) Nas grandes cidades da China chega a haver seis theatros em cada rua. Os espectadores sentam-se em bancos, e teem diante de si umas pequenas mesas, onde tomam chá, com uma luz para os que fumam. As representações seguem-se desde pela manhã até a noite. Os papeis das mulheres são feitos por homens.

apesar de os ter visto muita vez. Ficou até acabar a peça, e quando saiu de casa do *hanista* já a noite ia muito adiantada.

(Continúa.)

PRECAUÇÕES PARA MÉCHAR OS TONEIS.

Todos sabem como e para que fim se faz esta operação, muito facil quando o tonel se despeja por uma só vez, e no mesmo dia em que se lhe dá a mecha. Mas quando se mécham toneis despejados por vezes, ou passada mais de uma semana, acontece que o ar de fóra entra no tonel, decompõe as borras e os restos de vinho, produz absorpção do oxigenio, e enche a vasilha de gaz acido carbonico: não porque os restos do vinho tenham azedado, como se diz, mas porque o gaz carbonico é improprio para a combustão, a mecha apaga-se. Para vencer este obstaculo enxagua-se a vasilha, e deixa-se a escorrer por doze ou vinte e quatro horas, com o batoque destapado e virado para o chão. O gaz carbonico, por ser muito pesado, vai saído e cedendo o seu logar ao ar atmospherico. O espaço de vinte e quatro horas é pouco; é preciso ás vezes deixar passar tres dias antes de dar a mecha. principalmente se as vasilhas tiveram vinho generoso. Convém enxofra-las todos os annos; com muito mais razão as que hão de ficar vasiaas.

PRESERVATIVOS CONTRA OS LADRÕES.

Um advogado, que depois foi deputado ás côrtes na França nó tempo da restauração, quando era moço foi chamado para defender *ex officio* tres homens accusados de roubo; e de tal modo se houve que conseguiu salva-los.

Passado algum tempo, quando já se não lembrava de tal, viu em casa os seus tres clientes, os quaes lhe declararam que, por não terem dinheiro comque lhe provassem o seu agradecimento, queriam dar-lhe um bom conselho; porque ouro é o que ouro vale.

«Senhor doutor, se quer afugentar os ladrões da sua casa de campo, disse em tom pezaroso o orador da quadrilha, tenha um cãesinho e uma lamparina. e esteja descançado que nenhum ladrão, que não fôr de portas a dentro, se atreve a pôr-lhe os pés em casa. Um quarto que tem luz de noite lança o ladrão na incerteza; a regra em tal caso é não ir lá. Quanto aos cãesinhos, mettem mais medo aos ladrões do que os cães grandes, porque ladram sem pausa, e porque se mettem por baixo dos trastes, e não se podem agarrar. O cão grande atira-se ao homem, e pôde ser morto na lucta. Demais, o canzarrão do pateo faz-se mais depressa á mão com um pedaço de carne ou algum osso, do que o cãesito costumado a comer bem, e a receber a ração das mãos d'alguma pessoa de casa.»

O advogado ficou muito obrigado aos seus pobres clientes, que, para o obsequiarem, trahiam o segredo da hourada, antiga, e numerosa corporação dos ladrões. Ensinou a receita aos muitos amigos que tinha; usou d'ella toda a sua vida, e deu-se bem, assim como os amigos que a adoptaram. Quando chegou a ser magistrado teve muitas occasiões de verificar a efficacia do remedio que lhe haviam ensinado na sua mocidade.

NUNCA escrevais possuido de cholera. Um dicto fero ás vezes mais do que um punhal: como ferirão os bicos d'uma penna?